



CEST

Centro de Estudos Sociedade e Tecnologia



Universidade de São Paulo

Boletim- Volume 5, Número 5, Maio/2020

O que muda no ensino e na aprendizagem praticados remotamente?

Rosângela Agnoletto & Vera C. Queiroz

A Educação, assim como outros setores da vida contemporânea, foi afetada drasticamente pela necessidade de isolamento social decorrente da pandemia do Covid-19 que assola o mundo.

Nos últimos tempos, discussões e reflexões a respeito do ensino se intensificaram dadas as necessidades prementes e mandatórias de o ensino ser realizado na modalidade online, ou seja, remotamente.

E de repente, o professor que não abria mão do contato giz-apagador foi parar atrás de uma tela e “*on-off*” se tornaram sua realidade. E esses mesmos professores arraigados em suas

velhas práticas docentes foram não só desafiados no seu saber científico, mas também no saber lidar com o inesperado tecnológico, emocional e, por que não dizer futurista.

Os alunos, por sua vez, mais do que o saber profissional, buscam, em tempos tão diluídos e incertos, por cartas de navegação e caminhos de construção do conhecimento individual e coletivo que possam ser aplicados ao longo de suas vidas e que os tornem aptos a enfrentar um novo tempo. E vale reforçar um novo tempo que parece ter sido “zerado” em sua contagem, um tempo a recomeçar como se fosse um novo começo de era.

Tanto o que estava previsto quanto o inesperado tem um impacto na aula, no exercício da docência e na experiência do aprender com o outro e com o mundo em igual circunstâncias de isolamento.

É interessante que, há bem pouco tempo, falava-se na concorrência desleal do mundo fora dos “muros da escola” que roubava a atenção dos alunos com tantas ofertas de distração. Hoje, essa concorrência é ainda maior e difusa. A vida que entretém, que ensina e que trabalha está a um clicar dos dedos. A maior parte das pessoas precisou aprender a viver, sem o mundo externo e, de repente, a vida passou a ser mediada pelas telas do computador ou de dispositivos móveis.

Essa nova condição que rompe com o mundo social externo traz consigo também um inesperado lidar com as emoções que conduz e guia os processos cognitivos e metacognitivos. Da “aula show”

para as “aulas *lives*” as estratégias motivacionais precisam levar em conta os sentimentos que estão implícitos.

A relação professor e alunos e alunos entre si, com o conhecimento, que já se mostrava desgastada e ineficaz para preencher as exigências da sociedade moderna, teve que rapidamente ser ressignificada, buscando novos olhares, contornos e vieses.

É importante salientar que a dicotomia professor e alunos se dilui mais fácil e rapidamente no meio digital, à medida que professores e alunos se “aproximam” (mesmo que remotamente) e se tornam parceiros

**Um tempo a recomeçar
como se fosse um novo
começo de era.**



colaborativos e ativos no processo educacional. Então de saída já se sabe que o elemento “captura da emoção” é fundamental nesse contrato de parceria.

O processo de parceria não é simples, pois envolve riscos de conhecimento do professor quando este é confrontado com perguntas inesperadas dos alunos e se sente desconfortável em não ter de pronto uma resposta. Ter que dizer ao aluno: “vamos juntos buscar a resposta para a questão”, não é algo corriqueiro na profissão docente. No entanto, aceitar as in experiências e limitações frente ao outro é um exercício importante no desenvolvimento da docência que reconhece no outro um aliado colaborador.

Também não é fácil reconhecer o cuidar e acolher o outro em suas demandas e necessidades. Então, na parceria professor e alunos, busca-se desenvolver além das competências e habilidades cognitivas, também competências e habilidades vinculadas à inteligência emocional:

colaboração, cooperação, empatia, sociabilidade e liderança. Estas últimas, menos trabalhadas e desenvolvidas na sala de aula tradicional, se tornam valiosas e relevantes no ensino remoto.

Outro ponto que merece destaque é que a comunicação e a interação entre os agentes da aprendizagem no ensino remoto se tornam vitais para a concretude de uma aprendizagem eficaz e significativa. Portanto, engajar os alunos no processo educativo é papel fundamental do professor, principalmente nesse momento de ansiedade, medos e de necessidade de adaptação ao novo formato de ensino totalmente online.

Nesse novo formato de ensino, o conhecimento do **perfil do aluno** na adequação e elaboração do planejamento é mais do que nunca imprescindível.

Através de questionários simples, curtos, objetivos de múltipla escolha, pode-se traçar o perfil de cada aluno e desta forma, perceber com maior clareza as eventuais necessidades e limitações de cada um deles. Um monitor voluntário para auxiliar o professor na compilação de dados do perfil dos alunos pode ser uma boa prática.

O monitor voluntário também pode ajudar o professor no controle de presenças, participações e de necessidades específicas dos alunos, sejam elas técnicas ou não. No caso de questões relacionadas ao ensino, compete ao monitor transmiti-las ao professor para que este dê o encaminhamento adequado.

Para abordar e trabalhar um conteúdo, o professor pode criar um *webinar* com possibilidade de questionamentos via *chat* na mesma plataforma, ou apresentado simultaneamente via Youtube com *chat* aberto para questionamentos. Nesse caso, é necessário um monitor voluntário

que transmite também as perguntas feitas pelo *chat* do Youtube para o professor responder. Plataformas como **Whatsapp** e **Telegram** também se prestam a esse novo comunicacional e até com maior fluidez e agilidade.

Após a apresentação do conteúdo, atividades lúdicas são interessantes ferramentas didáticas para uma boa aprendizagem, já que, além de prazerosas e motivadoras, têm o caráter de suscitar o desejo de aprender e de fixar “brincando” conceitos e conteúdos estudados. Jogos (com possível premiação), *quizzes* curtos, perguntas lançadas ao ar, planilhas colaborativas, onde todos podem “se ver” e opinar sobre as respostas dos outros e ter *feedback* imediato, criação de *wikis* são alguns exemplos de atividades lúdicas que também podem ter a função de desenvolver

Atividades lúdicas são interessantes ferramentas didáticas

habilidades cognitivas e metacognitivas, além de dar *feedback* ao próprio professor de que como está indo a trilha da aprendizagem de seus alunos.

É recomendável também que ao final, assim como deveria ser feito em aula presencial, o professor faça uma síntese do que foi visto na aula para que o conteúdo seja melhor absorvido pelo aluno. E que no início da aula seguinte, se retomem os principais pontos discutidos na aula anterior, antes de dar prosseguimento ao novo conteúdo. Novamente, essa retomada pode ser feita com simples perguntas para verificação do que o aluno reteve do que lhe foi apresentado.

Considerando os diferentes perfis dos alunos, as atividades didático-pedagógicas devem ser diversificadas e planejadas para criar motivação, interesse e engajamento.

Recursos individualmente disponíveis e as circunstâncias de ritmo e tempo para os estudos estão entre as palavras de ordem na organização e equilíbrio das atividades síncronas e assíncronas realizadas nas plataformas online ou nas ferramentas e aplicativos de multiplataformas.

O equilíbrio entre **atividades síncronas e assíncronas** inclui questões de ordem social e emocional que são postas. Na medida em que houver uma boa e adequada mediação envolvendo temas, participação, tempos e atividades, o comprometimento e engajamento do aluno pode melhorar e, conseqüentemente, há uma abertura maior para a aprendizagem.

Atividades assíncronas, como os fóruns de discussão, tem por objetivo a ampliação de uma temática e apresentação de pontos de vista convergentes e divergentes. A respeito dessas atividades, salienta-se a importância de o professor orientar os alunos para a forma respeitosa de se dirigir ao outro quando discordar

de sua opinião. Quanto maior o número de alunos engajados nas discussões no fórum, com posicionamentos críticos e reflexivos, mais produtiva e significativa é a aprendizagem. Daí ser necessário o engajamento dos alunos. Buscar saber a opinião daqueles que pouco participam ou não participam, os chamados “ouvintes” e atentar para o motivo da não participação ou pouca participação é um desafio para todo docente.

Os momentos síncronos devem se encaixar na arquitetura de aula, oportunizando *feedback*, novas questões, questões ainda não sanadas e acima de tudo, relacionamento. Relações que diminuem a distância e trazem conforto e segurança.

Equilíbrio entre atividades síncronas e assíncronas inclui questões de ordem social e emocional

Com relação à avaliação no ensino remoto é importante que seja processual, ao longo de todo o trajeto educacional, para que planejamentos e novas propostas baseadas nas necessidades e dificuldades dos alunos sejam

pensados e postos em prática. Como sugestão de atividades avaliativas pode-se elaborar atividades curtas e dirigidas, atividades de múltipla escolha, ou do tipo *games* com pontuação baseada no desempenho do aluno. Tais atividades têm se mostrado motivadoras e eficazes na aprendizagem. É importante que os alunos sejam informados de como o processo se dará para que ele se torne um ativo partícipe. Vale lembrar que há plataformas de ensino online que dispõem de ferramentas de elaboração de exercícios, facilitando assim, o trabalho do professor.

Para avaliações formativa curtas apresentações temáticas realizadas em pequenos grupos de alunos (como as apresentadas via *hangout*) são exemplos de atividades que para a elaboração combinam momentos



síncronos com assíncronos e que normalmente têm sucesso.

Como se observa, várias mudanças ocorrem quando o ensino e a aprendizagem se dão exclusivamente no meio digital. A linguagem, o roteiro e as ferramentas são diferentes daquelas comumente usadas por professores e alunos nas salas de aula tradicionais e podem assustar à princípio. No entanto, essa nova experiência vivenciada por professores e alunos traz no seu bojo um novo olhar para a educação. O que antes assustava e era uma opção a mais, se tornou agora única. Não é mais uma questão de ensaiar para o mundo virtual, mas de nele mergulhar.



Rosângela Agnoletto *é mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá.*



Vera C. Queiroz *é doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do CEST-USP.*

Coordenador Acadêmico: Edison Spina

Este artigo resulta do trabalho de apuração e análise das autoras, não refletindo obrigatoriamente a opinião do CEST.